ANO XV NUM. 2

Bem-Te-Vi

Fevereiro de 1937

RELAMPAGO

Era uma vez um menino indio de nome "Nakola", que significa "Relâmpago", na lingua indigena. Mas vocês sabem como êle recebeu este nome? Pois teve de ganhá-lo, como os outros meninos da tribu a seus nomes, isto é, teve de fazer qualquer coisa para o receber.

Nakola ganhou o seu nome porque era um ótimo corredor. Foi durante a Festa do Milho, quando os indios se reuniram às margens de um rio para se entregar a jogos e competições com outras tribus.

Nakola foi escolhido para apostar corrida com um rapazinho de outra tribu, que era um dos melhores corredores naquela zona. Todo o mundo pensou que Nakola perderia a corrida. Mas êle ganhou-a por olhar sempre para a frente e correr o melhor possivel. O seu competidor, Uinaha, ainda que um pouco mais ligeiro, não era tão sagaz como Nakola.

Enquanto êles corriam, Uinaha olhava para trás e fazia chacota de Nakola, chamando-o "Caranguejo" e outras coisas. Mas Nakola não perdia a cabeça; de boca fechada, só corria, corria.

Ao se aproximarem da tenda do chefe, ponto final da corrida, Uinaha afrouxou a marcha para olhar atrás e gritar suas zombarias ao companheiro. Ele não percebia que cada vez que fazia isso Nakola ganhava terreno.

Quando estavam só a alguns metros da meta, com Uinaha na frente, as coisas mudaram. Uinaha mais uma vez voltou-se para observar Nakola, que ia na sua retaguarda. A multidão de indios os instigava. Tinha sido uma corrida sensacional.

E quando já era tarde demais para recuperar o tempo perdido em aborrecer Nakola, Uinaha perdeu a corrida. A alguns passos da linha final, Nakola passou Uinaha. Logo lhe deram o nome de "Relâmpago", o mais proprio para quem derrota o campeão das outras tribus.

Nakola venceu porque não perdeu tempo. Dá-se o mesmo com qualquer coisa que um menino ou menina quer fazer. O principal é olhar para a frente e aplicar no trabalho todas as suas energias. Foi por isso que Nakola ganhou a grande corrida e merecidamente um nome que expressava o seu valor.

Esquecendo-me das coisas que ficam para trás, e avançando para as que estão adiante, prossigo em direcção ao alvo, para obter o premio da vocação celestial de Deus em Cristo Jesus. -- O Apostolo Paulo.

Bem-Te-Vi

Matriculado conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934.

ANO XV N.º 2
REVISTA MENSAL

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: Nancy R. Holt
Adelina de Cerqueira Leite
Desenhista: Celia Rocha Braga

São Paulo, Fevereiro de 1937

Gerente responsavel:
Servulo C. Sant'Anna
Sub-Gerente: Fernando Buonaduce

Nosso médico

Um médico como o nosso
não se encontra assim àtôa.
Se uma pessoa adoece
ele bem logo a põe boa.

E depois, que simpatia!
Até seus passos na escada
parecem vir anunciando
Não é - nada — Não é - nada !

Quando ele chega e examina,
que olhar tão meigo nos lança!
Não ha como a gente ter
um médico de confiança.

Totí Pé-Dois

Era uma vez uma menina chamada Totí Pé-Dois. Ela morava com a mamãe e o papai numa casa bonita, no meio de um jardim, com cerca em toda a volta. Totí Pé-Dois brincava muito no jardim com seu carrinho de mão vermelho. A's vezes a mamãe ficava sentada no alpendre ; às vezes, ficava na casa. Mas sempre ela dizia :

— Totí, quando você brinca, não sáia fóra do portão do jardim.

Totí Pé-Dois sabia muito bem que devia obedecer. Ela corria contente pelo jardim com o carrinho de mão vermelho e cavava no monte de areia. A's vezes brincava de casinha com o seu vizinho, em baixo de uma arvore do quintal.

Um dia, quando seu papai ia para a cidade, Totí Pé-Dois andou com êle até o portão do jardim. Quando o papai deu um beijo de despedida, ela trepou na primeira travessa do portão e ficou ali até êle desaparecer no fim da rua. Ficou vendo o papai passar por todas aquelas casas, uma atrás da outra. Depois ela voltou para perto da mamãe.

Naquele dia a mamãe estava fazendo uns vestidos novos para Totí Pé-Dois. Eram lindinhos e frescos, todos para o verão. Uma senhora tinha vindo em casa para ajudar a mamãe a costurar. Ela ficou no quarto de cima e fazia *tic-tic-tic-tic* com a máquina de costura. Totí gostaria de brincar com os carreteis vazios, mas estava com medo daquela senhora porque não a conhecia.

Depois de Totí experimentar um vestidinho amarelo, a mamãe disse :

— Sabe, Totí, a costureira precisa de mais linha amarela e eu vou à cidade comprar um carretel. Você fique brincando no jardim até a mamãe voltar. Vou pedir ao menino da frente que venha brincar junto. Seja boazinha e não sáia pelo portão. Se quiser alguma coisa, vá falar com a costureira lá em cima.

Totí Pé-Dois abaixou tres vezes a cabeça. Isso queria dizer "Sim, mamãe". Ela correu ao jardim para brincar com o carrinho vermelho. E logo veiu o menino que morava na frente. Ele ia ficar brincando algum tempo. O menino era mais velho que Totí Pé-Dois. Ela estava contente por ter um amiguinho. Eles brincaram com o carrinho vermelho uma porção de tempo depois de a mamãe sair pelo portão e descer a rua.

Mais tarde o menino da frente quis levar o carrinho vermelho para a rua.

— Ve ha, Totí, ele disse. Vamos correr com o carrinho no passeio, que é cimentado e tão liso. O caminho aqui no jardim é cheio de altos e baixos e pedregulhos. E' dificil a gente fazer o carrinho correr.

A pequena Totí Pé-Dois mexeu a cabecinha para um lado e para outro. Isso queria dizer "Não". Depois ela explicou para o menino da frente :

— Eu nunca posso ir brincar do outro lado do portão. Mamãe falou para eu ficar aqui.

— Mas é só um pouco de tempo e logo voltamos, disse o menino da frente. Se você não vai, eu vou de qualquer jeito, porque posso ir onde quero.

Então êle pegou o carrinho vermelho de Totí, saiu pelo portão e foi correndo para cima da rua. Mas logo adiante parou e voltou.

— Ah, aqui sim, vale a pena ! ele exclamou, todo contente. Corre que é uma beleza ! Venha Totí. Experimente só.

Totí lembrou-se do que a sua mamãe tinha dito e abanou a cabecinha duas vezes — "Não, não". Mas Totí Pé-Dois estava mesmo louquinha de vontade de sair na rua. Ela abriu só uma pequena fresta do portão e meteu a cabeça fóra para espiar o menino da frente que corria longe, longe. E êle virou a esquina da rua ! E levou consigo o carrinho vermelho que era dela, Totí Pé-Dois !

Totí começou a chorar. Ela gritou, gritou :

— Volte ! volte ! Eu quero o meu carrinho !

Mas isso não valeu de nada. Ela chorou, chorou, mas tambem não adiantou. Então Totí sentou-se no gramado e ficou pensando no que devia fazer.

De repente Totí lembrou-se da costureira no quarto de cima. Mas estava com medo dela. Totí queria sua mamãe, isso sim ! E ela queria agora mesmo ! *"Han-an-an !"* chorou Totí e, sem mesmo perceber, ela já estava do outro lado do portão, no passeio cimentado, correndo pela rua, do lado que a mãe tinha ido. Ela queria encontrar o menino da frente e mandar que êle trouxesse o seu carrinho.

Mas Totí Pé-Dois era pequena. Nunca tinha saido sòzinha à rua. Por isso tudo parecia tão exquisito. Quando ela virou a primeira esquina, olhou para cima, para baixo, e não viu nada do menino da frente. Então, ficou toda atrapalhada e já não sabia mais o caminho para casa. Começou a correr, correr, correr. Depois parou e olhou em volta. Ela estava num lugar que nunca tinha visto antes.

Deve ser que já :e tinham acabado todas as lagrimas dos olhos de Totí Pé-Dois, de tanto chorar. Mas a pequena esfregou as mãozinhas nos olhos e sentou-se na guia do passeio. Ela estava muito cansada e com vontade de ir para casa. Queria tambem encontrar a sua mamãe ou o menino da frente. Mas nada dêles !

Enquanto Totí Pé-Dois estava ali sentadinha, esfregando os olhos com as mãos, uma pessoa chegou perto e disse :

— Menininha, você está fugindo de casa, não é ?

— Eu que-ro ma-mãe ! chorou Totí, sem tirar as mãozinhas dos olhos para ver quem lhe estava falando.

— Menininha, tornou a senhora, vou levá-la para casa. Venha comigo.

Mas a mãe de Totí Pé-Dois tinha avisado muitas vezes que ela nunca fosse com pessoas desconhecidas. Totí lembrava-se disso muito bem. Porisso abanou a cabeça, ainda esfregando os olhos.

— Eu não conheço a senhora, disse Totí.

— Mas eu sei quem é voçê, disse a senhora. Você tem um carrinho de mão vermelho e um urso bonito. Já passei muitas vezes por sua casa. Você estava brincando no quintal. Vou levá-la para lá, quer ?

Ela tirou uma das mãozinhas dos olhos de Totí e disse :

— Venha, meu bem.

Então Totí Pé-Dois foi com a senhora. Ela perguntou:

— A senhora sabe mesmo onde está a *minha* casa?

— Como não! respondeu a senhora. E' uma casa bonita com um portãozinho verde e um quintal cheio de flores.

E enquanto as duas caminhavam, a senhora contou para Totí uma historia. Totí até esqueceu que tinha sido feia e fugido de casa. Ela disse:

— Quando chegarmos em casa eu vou mostrar para a senhora a minha boneca nova. Mamãe saiu e o menino de frente foi-se embora com o meu carrinho.

De repente elas chegaram a um lugar que Totí conheceu logo. Isso mesmo! Era a rua da sua casa! Como Totí ficou contente! E alí no jardim estava o carrinho vermelho, mas sem o menino da frente.

A senhora esperou no jardim para ver a boneca de Totí. Ela estava em baixo da arvore. Totí trouxe-a num instante. A mamãe ainda não tinha chegado.

— A senhora não vai deixar-me ...só quando a mamãe voltar, não é? perguntou Totí.

— Está certo. Fico aqui até sua mãe voltar, respondeu a senhora.

Então ela se sentou no banco em baixo da arvore e pôs Totí ao seu colo. Totí estava bem divertida quando se abriu o portão e a mamãe entrou.

Só aí Totí lembrou que não tinha sido obediente. Ela estava envergonhada. Nem correu para encontrar-se com a mamãe. Em vez disso, escondeu o rosto na sáia da senhora.

A desconhecida explicou para a mamãe porque ela estava alí. Contou como tinha encontrado Totí sentada na rua e como a trouxera.

— Totí, disse a mamãe, eu pensei que podia confiar na minha filhinha! Estou com medo de precisar castigá-la. Como você foi fazer uma coisa tão feia?

Totí Pé-Dois abaixou a cabecinha como para dizer "E' verdade". Ela pulou no colo da mamãe.

— Eu vou ficar boazinha, mamãe! ela prometeu. Nunca mais vou passar do portão sòzinha. Estou tão arrependida!

Totí não teve licença de brincar com o carrinho vermelho durante uma semana. No primeiro dia que ela o recebeu novamente, passou pela sua casa a senhora que a tinha encontrado chorando na rua.

Totí Pé-Dois estava com um dos vestidinhos novos que a mamãe e a costureira fizeram. Ela correu ao portão para falar com a senhora.

— Bom dia! cumprimentou Totí. Eu nunca mais fugi — nem por brinquedo! Agora sou uma menina de juizo.

— Muito bem, Totí, respondeu a senhora.

— E sabe, continuou Totí, eu ganhei uns sapatinhos novos. A senhora quer ver? São bonitos, marron.

— Agora você vai chamar-se Totí Pé-Dois-em-Casa, não é? falou a senhora, rindo. E vai ser obediente daqui por diante, não é, Totí?

Totí Pé-Dois abaixou a cabecinha — "Sim senhora" — e abaixou com força mesmo.

a chave da cidade

Pedro pôs de lado a cesta vazia das laranjas e cocos verdes que tinha vendido. Finda a sua tarefa, deitou-se com preguiça no capim do morro que subia em rampa da Escola de Medicina Tropical de Puerto Rico ao antigo forte de San Cristobal. O mar na frente de Pedro espraiava-se em ondas azuis rendilhadas de espuma branca.

A mãe de Pedro era empregada na casa do coronel que trabalhava na Escola e a biblioteca de lá fôra franqueada ao menino. Sua leitura predileta era a Historia Universal, com as descrições de batalhas que êle lia e relia. Num desses volumes Pedro encontrou fatos acerca de San Cristobal, os quais rememorava naquela manhã. Pensava em como, seculos atrás, os soldados espanhóis haviam construido o forte.

"Eu vou ser soldado", pensou Pedro. "Vou tambem matar muita gente."

Ele viu o automovel do coronel parar diante da Escola de Medicina Tropical. Qualquer pensamento fê-lo enrugar a testa. A verdade é que nunca ouvira o coronel falar em matar gente. Em vez disso, ia todos os dias ao laboratorio e trabalhava diante de mesas brancas cheias de vidros.

"Pode ser que êle estuda lá como se mata gente", concluiu Pedro depois de considerar o caso.

Neste instante interromperam-se-lhe os pensamentos. Um vulto marron, agil, pulou do assento de trás do automovel. Era Mitzi, a macaquinha de estimação do coronel. Quando ela fugia assim, isso era sinal certo de desastres. Muitas vezes o coronel tinha admoestado :

— Pedro, é de sua obrigação pegar Mitzi. Deixe tudo que estiver fazendo e vá prender *essa macaca fujona!*

E Pedro sempre fazia isso.

Aquela manhã foi um caso sério deitar-lhe a mão! A macaca corria para cima, para baixo, para o forte e de novo para a Escola. Finalmente zarpou na direção do Capitólio, cuja escadaria escalou, entrando pela porta aberta, seguida de seu perseguidor. E a imprudente Mitzi varou pelos corredores de mármore até o recinto da câmara do senado, só parando sobre a tribuna do presidente, para espiar dentro do tinteiro.

— Felizmente os senadores não estavam lá, comentou o coronel, entre risadas, quando Pedro lhe contou o sucedido. Eu estaria perdido em San Juan, se êles encontrassem Mitzi na sala. E agora, o que você quer deste mundo, meu rapaz, como paga de seus bons serviços ?

Com os pensamentos inda voltados para o seu sonho dourado, Pedro respondeu, fazendo uma continência :

— Ser soldado, coronel !

A expressão sorridente do Coronel toldou-se de um véu de tristeza. Mas êle só replicou tranquilamente :

— Ha muitas espécies de soldados, Pedro.

Não compreendendo o significado dessas palavras, Pedro mostrou no rosto que estava atrapalhado.

— Canhões, paradas, clarins e soldados é com você, não, Pedro ? perguntou o coronel.

— E' verdade, coronel.

— Pois você vai ter um gostinho da coisa daqui a uma semana, tornou o coronel. Recebemos aviso de que o capitão Linton virá a Puerto Rico. E êle vai visitar o meu laboratório. Haverá grande recepção e ser-lhe-á oferecida a chave da cidade de San Juan, por um escoteiro de Puerto Rico, à minha escolha. Você bem merece essa honra.

Pedro mal podia crer no que ouvia. O capitão Linton, ídolo dos meninos, o conquistador dos ares, que tinha passado por incriveis aventuras, estava para chegar. Os canhões haviam de troar, e tremular todas as bandeiras de San Juan. As tropas estariam em forma e os clarins vibrariam os ares à chegada triunfal do aviador, nas asas brilhantes do seu aparelho.

No outro dia o coronel apresentou a Pedro uma folha escrita, perguntando :

— Será que você pode decorar esta saudação ?

— Sim, senhor.

— O'timo. Então, não se esqueça : um soldado cumpre sempre o seu dever.

Depois, mudando de assunto, o coronel acrescentou :

— Quer ver o meu laboratório, Pedro ?

Deliciado ante a proposta de ver onde o coronel estudava segredos de guerra, como imaginava, Pedro respondeu ;

— Com quanto prazer, coronel !

— E' aqui que eu aprendo a combater, disse o coronel assim que os dois entraram no laboratório.

— A combater ? disse Pedro, procurando com os olhos espadas, bombas e mapas de planos de ataque.

— A combater molestias e salvar vidas, explicou o coronel, mostrando a Pedro, a um microscópio, pequenos seres que se moviam, ativos. São germens que trazem doença. Veja agora, prosseguiu êle, deitando alguma coisa sobre os germens, que logo ficaram vagarosos e pararam — estão mortos, declarou o coronel. Agora não poderão mais fazer mal a ninguem.

Pedro estava fascinado. Seguia com interesse as explicações que o coronel ia fazendo, interesse que só diminuiu quando avistou os soldados de San Cristobal em exercicio.

— Aqueles dois jarros na prateleira ao lado da janela são para mim o ha de mais importante no mundo, declarou o coronel, apontando com o dedo. Quando eu puder vencer esses germens desconhecidos, milhares de vidas serão salvas. O capitão Linton vem ajudar-me. Nós dois pensamos poder dar agora o cheque mate final. E' maravilhoso *salvar* vidas, Pedro.

O som do clarim no forte vibrava insistentemente através da janela. Pedro olhava em torno do quarto tranquilo. Seu encantamento desvanecia-se aos poucos. Não, apesar de tudo, eram preferiveis espingardas, bandeiras e musica. Ao lado dessas coisas, salvar vidas parecia-lhe um tanto sem graça.

Afinal raiou o dia auspicioso da chegada do capitão. De madrugada Pedro levantou-se para engraxar as suas botinas, lustrando-as caprichosamente. Pôs o uniforme que a mãe tinha engomado com perfeição, na véspera.

Na hora do café Pedro ainda se estava aprontando. Enfim apareceu, limpo como nunca se viu outro rapaz assim em San Juan, conforme declarou sua mãe. O coronel sorriu.

— Tenho de ir à reunião dos organizadores da recepção, ele disse. De lá irei diretamente ao campo de aviação, onde espero por você, Pedro, às dez horas.

A's dez horas ! Pedro não podia esperar até lá. Assim que o coronel saiu, êle se pôs a caminho tambem, com vagar, limpando a cada passo um pouco de poeira das botinas, sem reparar no vultozinho marron que deslisava sorrateiro atrás de si.

A verdade é que Pedro tinha saido tão às pressas que não tomara direito o café. Passando por uma quitanda, comprou duas laranjas já descascadas. Pôs uma na mochila, ao lado da chave grande e brilhante da cidade de San Juan, e começou a chupar com delicia a outra.

Ao beirar a Escola de Medicina Tropical, êle espiou um momento pela janela do laboratório do coronel e começou a pensar naqueles dois jarros contendo os germens que o capitão Linton vinha estudar.

Então Pedro deu por outra coisa mais, porque Mitzi não pôde a tempo esconder-se nos galhos de um arbusto ali. A macaca tinha fugido ! Pedro ficou alarmado. "Deixe tudo que estiver fazendo e vá prender

Mitzi", tinha dito o coronel. "E' de sua obrigação".

Ocorreu-lhe ainda qualquer coisa que o coronel tinha dito sobre o dever. Ora, isso não vinha ao caso. A macaca provavelmente não faria nenhum estrago consideravel e agora não convinha ficar todo empoeirado e suado para prendê-la. Se ao menos Mitzi tivesse sido mais esperta em esconder-se, êle nem a teria visto. Agora a solução era esquecer o fato.

Pedro olhou resoluto para os lados do forte de San Cristobal, a cavaleiro da cidade. Não havia soldados lá; talvez estivessem a caminho. Que vida boa a do soldado, só marchando, tocando o clarim e?..

"Não se esqueça: um soldado cumpre sempre o seu dever". Oh, era isso que o coronel tinha dito. Mas então não era seu dever apresentar ao capitão a chave da cidade de San Juan? Claro que sim! Assobiando, Pedro espiou dentro da mochila e viu a chave ao lado da laranja.

E êle deixou a Escola para trás. Queria esquecer-se daquela macaca; mas o pensamento obsecava-o. Virou-se sem querer. Mitzi subia pela trepadeira que cobria aquele lado do edificio. Tomando uma pedrinha, Pedro atirou-lh'a. Era pequena demais para magoá-la, mas foi o suficiente para irritar a macaca, que, mudando de rumo, enveredou em disparada para a janela do laboratório, em cujo parapeito pulou. Então Pedro viu com horror Mitzi erguer com as patinhas a armação de tela de arame da janela.

Ele já nem pensava mais em dever enquanto corria de volta para a Escola. Não havia mais dúvida quanto ao que devia fazer. Era urgentissimo salvar os dois jarros, pois Pedro sabia que onde quer que Mitzi entrasse fazia devastações. Se se quebrassem aqueles jarros, nem todas as chaves de Puerto Rico teriam interesse para o capitão Linton — disso Pedro estava certo.

Correu à ntrada, mas tudo estava fechado; não havia viva alma lá. San Juan em peso fôra assistir à recepção. O unico meio seria subir na trepadeira, como Mitzi, e entrar pela janela do laboratório. Pedro teve de desamarrar as botinas. Nisso, ouviu estrépito de vidros quebrados. Descalçou-se rápido e arrancou as meias. Firmando-se com pés e mãos lá se foi êle muro acima, quasi tão depressa como Mitzi. O ruido no laboratório crescia sempre, quando Pedro alcançou o parapeito da janela. Tinha chegado!

Mitzi corria de lá para cá, aos guinchos, e afinal empoleirou-se no alto de uma estante. Pedro procurou os dois jarros na pequena prateleira ao lado da janela. Estavam intactos.

Então começou a perseguição. Mitzi levava vantagem, pois Pedro, descalço, tinha de evitar cuidadosamente os vidros quebrados pelo chão, que êle sabia conterem germens. A macaca parecia estar gozando a situação.

Foi um péga-péga por quasi uma hora. Eis que de súbito irrompem os tiros do canhão de San Cristobal e a seguir os do forte El Moro. O aeroplano estava à vista. O capitão Linton chegava. Então sobre a propria Escola trepidaram os motores da escolta aerea aos lados do aeroplano grande que ia aterrissar no campo de aviação.

Pedro sentiu um nó na garganta e encheram-se-lhe de agua os olhos. Nesse instante Mitzi pulou justamente na prateleira onde estavam os dois preciosos jarros. Esquecido dos vidros e germens espalhados pelo chão, de tudo o mais senão que o trabalho do seu coronel — e tambem o do capitão Linton — corria perigo, Pedro investiu para a macaca.

Mas parou de chofre. E' que Mitzi, assustada com o movimento, pegava na tampa de um dos jarros.

De longe chegava até Pedro a vozeria no campo de aviação. O avião aterrissára — era isso — e Pedro devia naquele momento estar apresentando ao hospede a chave da cidade, agora na sua mochila. De repente

ele quasi deu um grito de vitória. A mochila! Mas lá estava tambem a outra laranja! Mitzi era louquinha pelas tais — um bom chamurro!

Ele abriu a mochila e na sua pressa a chave caiu ao chão com um ruido metálico.

— Mitzi, Mitzi, Mitzi! chamava Pedro, mostrando a laranja.

A macaca, largando do jarro, pulou ao ômbro de Pedro. Com esse movimento o jarro produziu um som cristalino e deslocou-se um pouco para a beirada da prateleira. Mas agora estavam salvos os dois preciosos recipientes, pois ao passo que Mitzi se apossava da laranja, caía prisioneira do rapaz. Então, procurando um cantinho seco na sala, Pedro sentou-se lá, segurando forte a macaca.

Pareceu-lhe seculos o tempo que lá passou, ouvindo vivas e o tropel da multidão que se aproximava da Escola, trazendo o capitão. Afinal soaram passos fóra do laboratório, a chave rangeu na fechadura e já o coronel e o capitão Linton se achavam no limiar daquela sala.

— Que horror! exclamou o coronel ao ver a desordem reinante.

Seus olhos pousaram logo nos dois jarros na prateleira. Então enxergou Pedro, que a custo se pôs em pé, sempre agarrado à macaca, que guinchava, raivosa.

— Ela me seguiu, balbuciou Pedro, perturbado com a entrada dos dois homens. Subiu pela trepadeira até esta janela, ergueu a tela e entrou aqui. O senhor sempre tem dito que eu preciso pegar a Mitzi, que é meu dever, como um soldado.

— E' verdade, concordou o coronel.

Então, vendo a chave jogada no chão, este acrescentou, sorrindo e tomando Mitzi:

— Mas você tem outro dever a cumprir, Pedro.

O menino olhou admirado.

— A chave, lembrou o coronel. A chave da cidade ainda não foi apresentada ao capitão Linton.

Pedro estava consternado. Seus pés sangravam dos cortes com os vidros; tinha a roupa amarrotada e manchada de caldo de laranja; estava vermelho e desgrenhado.

Mas um soldado tem de obedecer. Curvando-se, Pedro ergueu a chave. O capitão Linton esperava, empertigado. O menino postou-se-lhe à frente, segurando a chave brilhante, tendo a um lado o coronel com Mitzi.

Não havia multidões ovacionantes, nem clarins nem regimentos — só uma sala de laboratorio, vazia e em desordem, o sentimento do dever bem cumprido e o de partilhar de um grande empreendimento. Pedro, falando pausadamente, começou sua saudação, que assim terminou:

— Sentimo-nos honrados hoje por oferecer a um grande homem a chave da cidade de San Juan.

O aviador recebeu a chave com solenidade e replicou:

— Como soldado da ciencia aceito, a chave que me oferece um camarada.

Depois, passando a chave para a mão esquerda, fez continencia em posição de sentido. O coronel imitou-lhe o gesto.

Erecto, com os pés feridos, roupa amarrotada, mas erguendo bem a cabeça, Pedro imitou o gesto.

UM AMIGO INTERESSANTE

Vocês julgam que todo o papel é feito em fabricas? Pois não é. Existe uma criaturinha que transforma a fibra de madeira, tirada de qualquer cerca velha ou tronco de arvore, em esplendido papel. Ela mastiga a fibra até que fique bem delgada; mistura-a depois com um fluido do seu corpo e faz uma casa de papel. Então ela e sua familia vão acrescentando compartimentos à casa de papel e no fim ha lugar para centenas de pequenos habitantes.

Cada um dêsses bichinhos tem um ferrão poderoso com que se protege. Nunca picam os seres humanos quando estes os deixam em paz. Se os atormentam, porém, como dóe a picada! São amigos do homem porque se alimentam de moscas, as causadoras de tantas molestias. O nome dêssa familia é Vespa. Observe-os sem chegar muito perto.

Tres visitas exquisitas

Numa linda manhã, duas semanas depois que Vera tinha-se mudado para uma pequena cidade no interior, a menina guardou o ultimo prato de sobremesa e, na ponta dos pés, espiou pela janela da cozinha. Viu então com surpresa e medo tres velhinhas que se dirigiam para a porta da frente. A principio Vera quis esconder-se porque sempre tinha medo de gente velha.

A mamãe de Vera estava dormindo no sobrado. Tinha passado indisposta toda a noite e a menina não queria acordá-la.

— E agora, Mogol? E agora? murmurou Vera, aflita.

Mogol virou a cabeça grande de lado e escutou com simpatia.

— Se eu ficar quieta, elas tocarão a campainha, acordando a mamãe. Eu preciso mesmo ir, Mogol.

Então, pela janelinha deu outra espiada. As visitas usavam véus compridos! O coração de Vera começou a bater como um tambor. Elas já estavam subindo os degráus da frente. Trêmula, Vera arrastou-se até a porta de entrada, onde chegou antes de as visitas poderem tocar a campainha. Então deu um sorriso amarelo para as tres velhinhas.

— Mamãe está adoentada..., começou a explicar a menina.

Mas nisso a primeira velhinha ergueu os olhos e, apontando para trás de Vera, deu um gritinho esganiçado. No mesmo instante as tres viraram-se e dispararam, atrapalhadas com os vestidos compridos. Os véus caiam no chão e elas tambem lá se foram, uma sobre a outra, no gramado do jardim.

Foi tão engraçado que Vera esqueceu o medo e desatou na gargalhada. Ela sabia que as visitas não podiam ter-se maguado sobre a grama macia. Mas nisso uma começou a chorar. Vera correu a ver o que sucedera.

— Mas... ora veja! balbuciou Vera, arregalando os olhos castanhos. Vocês não são velhinhas, então! E eu que pensei que fossem!

Tres meninas muito assustadinhas puseram-se em pé. E assim que puderam falar, explicaram:

— Nós somos Elsa, Marieta e Rosí. Moramos naquela casa branca da frente. Vimos quando você brincava aqui ôntem e quisemos fazer uma brincadeira. Sempre nos vestimos de gente grande. Mamãe tem uma canastra cheinha de roupas antigas, chapéus e...

Vera não se conteve mais e interrompeu-a:

— Está certo; mas porque vocês correram?

As tres visitas entreolharam-se com medo.

— Foi o lobo, disse uma.

— Lobo? retrucou Vera, admirada. Mas que lobo? Ah, já sei no que falam. Mas êle não é lobo, não. E' o Mogol, um cachorro de Alaska.

Mais tarde Vera contou para sua mamãe do susto que levara com a visita das tres velhinhas.

— Que filhinha carajosa é a minha, disse a mamãe. Mas Vera, eu não sabia que você tinha medo de gente velha!

— Agora já não tenho mais, afirmou Vera.

T I Q U I N H O

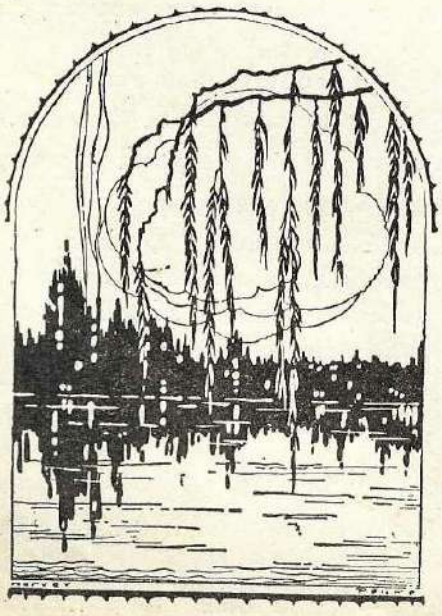
Numa manhã muito quente do mês de Fevereiro, Mestre Coleira e D. Coleirinha sentaram-se no ramo baixo de uma ameixeira. O ninho, que ficava ali perto, estava agora vazio. O par de passarinhos trilava alegre. Os dois já tinham tomado banho e estavam fresquinhos. Estavam tambem muito alegres porque todos os filhinhos tinham aprendido a voar e já não davam tanto trabalho. Todos aprenderam — menos Tiquinho. Ele estava fóra do ninho fazendo exercicios para logo poder voar como os outros.

Papai e Mamãe Coleira tinham passado uma temporada aflitiva, desde Dezembro. Eles cometeram o erro de construir seu ninho num galho baixo que pendia sobre o ribeiro. D. Coleirinha não queria o ninho ali. Ela sabia que não era o lugar proprio. Mas Mestre Coleira disse que isso era tolice, que o lar ia ser lindo, com agua e banho tão perto.

— Imagine, disse D. Coleira, se os nossos filhinhos cairem na agua ?

— Mas êles não vão cair. Vou fazer um ninho grande, com bastante espaço para todos.

D. Coleira deu um suspiro e retrucou :



— Faça como quiser, meu caro, mas se um dos nossos filhos morrer afogado, isso partirá de dôr o meu coração.

Eles construiram um ninho grande e forte. Então D. Coleira pôs quatro ovinhos lindos, com salpicos pardos, que chocou pacientemente por duas semanas. Todos os dias o papai ia sentar-se sobre os ovos um pouco de tempo e tomar um banho no ribeiro. Por fim os ovos ficaram chocados. O papai estava um dia bebendo agua fresca quando D. Coleira o chamou :

— Venha cá, depressa ! Nós temos tres filhotes já fóra da casca e um ainda está saindo dela. Venha ver os pequenos e ajudar-me a limpar o ninho.

Mestre Coleira voou ao ninho e ficou maravilhado à vista dos seus lindos filhotes. Enquanto os admirava, o ultimo deles conseguiu sair de todo da casca. Este era menor que os outros ; porisso deram-lhe o nome de Tiquinho. Seus irmãos eram Zico, Tita e Pio. Não faltava trabalho para os pais dos passarinhos, que estavam sempre procurando comida para êles. D. Coleira vivia avisando os filhotes que não se debruçassem na beirada do ninho, porque podiam cair no ribeiro.

Os quatro Coleirinhas cresciam dia a dia. Por fim o ninho já não dava para êles.

— Eles já cresceram bem e agora devem aprender a voar, disse a mamãe. Mas como hei de levá-los até o capim, sem perigo ?

Mestre Coleira respondeu :

— E' só um de cada vez ficar na beirada do ninho e quando eu disser "Vôe", êle vôa para perto de você, no capim — nunca do outro lado do ribeiro.

— Mas se êle não obedecer ? continuou D. Coleira.

Nem bem acabara de falar e Tita voôu do lado errado e caiu no ribeiro. Felizmente não chovia há tempos e o

ribeiro estava quasi seco. Papai e mamãe voaram para uma pedra chata e chilraram e zangaram com Tita até ela criar coragem, bater as asas e pular para a pedra. A mamãe obrigou-a a saltitar ao sol até ficar bem enxuta. Então ela disse :

— Bata as asas outra vez, Tita, e dê um pulo. Você irá parar ali no campo.

Tita fez isso e acertou com o lugar.

Logo Zico, Tita e Pio podiam voar tão bem como o papai e a mamãe. Agora sempre êles iam para o campo. Só Tiquinho ficava no ninho. Ele já sabia voar, mas não podia ir tão longe como os irmãos. Mas assim mesmo Mestre Coleira e D. Coleirinha achavam que já tinha passado o tempo dos trabalhos e que felizmente a familia estava criada. Eles olharam para baixo e viram Tiquinho pulando no campo. Gritaram para êle :

— Não vá do outro lado da cerca, Tiquinho !

E' que do outro lado ficava a estrada de macadame, por onde os carros passavam em disparada. Tiquinho ouviu o que os páis disseram, mas êle pensou :

"Eu não sou nenhum nenê. Porque não posso ir do outro lado da cerca e vêr um pouco o mundo ? Papai e mamãe sempre estão com medo de tudo".

Então êle, vôa que vôa, pula que pula, foi parar perto da cerca. Havia muito espaço para um passarinho passar entre os arames. Com um pulo, Tiquinho já estava do outro lado, perto da estrada. Então ele pensou :

"Quem sabe, se eu bater forte as asas, posso atravessar a estrada e ver aquele pomar lá. Vou experimentar".

Ele voôu, mas — pobre Tiquinho ! — ainda não tinha muita força nas asas e caiu à beira da estrada, onde o pixe era mole e pegajoso. Seus pèzinhos ficaram presos ali. Tiquinho batia, batia as asas o mais forte que podia, mas não adiantava. Então gritou :

— Mamãe ! Papai ! Acudam !

Os pais ouviram aquele grito de desespero e voaram para perto do pobre filhinho, mas não podiam ir

para o montículo de pixe porque senão ficariam tambem presos. Eles se empoleiraram na cerca e começaram a gritar :

— Faça força, Tiquinho ! Só assim você pode escapar daí !

O pobre Tiquinho dava arrancos tão fortes que por fim ficou ofegante e exhausto.

Nesse momento apareceu uma senhora que vinha pela estrada.

— Agora nosso filhinho será salvo, disse D. Coleira. Aquela é a senhora que nos deixou construir o ninho no beiral do seu telhado, o ano passado. Que pena não termos voltado para lá desta vez ! Vamos gritar o mais alto que pudermos. Assim ela perceberá que aconteceu alguma coisa. Tiquinho, você tambem, grite alto, para ela ver onde está.

Então os tres passarinhos deram o alarme. A senhora viu logo o pobre Tiquinho. Devagar, e com muito cuidado para não quebrar os seus pèzinhos, ela o tirou do pixe. Depois, com folhas limpou todo aquele grude sujo e pôs Tiquinho para dentro da cerca. Tambem, nunca mais Tiquinho quis sair dalí.

Mestre Coleira e D. Coleirinha voaram perto do filhote. Eles não cabiam em si de contentes.

A senhora continuou o seu caminho, ouvindo os tres cantarem juntos muito alegres.

O Cabritinho Divertido

CAPITULO V

A JORNADA

— *Ho-ee! Ho-ee!* Vamos! gritou Diji.

Zem, o bichinho favorito, e todos os outros cabritos, jumentos e camelos da tribu do Sheik Beni-Nef iam longe através do Deserto da Tunisia à procura de novas pastagens.

A cidade cavernosa de Khattab era fortaleza tão segura que só um punhado de gente permanecia lá a zelar pelos armazens de mantimentos, instrumentos de lavoura, munições e *gourbis* (tendas feitas de pêlo de camelo) — a riqueza daquela pequena coletividade.

Uma hora antes do alvorecer, a tribu inteira estava pronta para a jornada. Longas linhas de camelos carregados perdiam-se na luz frouxa. O Sheik Beni-Nef ia à frente, chefiando a caravana rumo às novas terras do sul. Aos camelos, com o enfardamento, seguia o gado miúdo, balindo, os jumentos, e por ultimo todos os *bou-ketaas*, ou camelos de um ano. Mulheres, com crianças nos braços, riam e conversavam entre si, do alto de seus selins cobertos de docel, semelhantes a casas pequeninas balançando-se nas costas dos camelos. O resto da tribu ia a pé conduzindo os animais.

Diji, acompanhando com passo ágil o cabritinho Zem, estava louco de alegria e entusiasmo. Marchar ao ar livre o dia inteiro, dormir à noite na pequena tenda marron, comer àvidamente o alimento sadio preparado na cozinha de campanha — tudo aquilo se assemelhava a um grande piquenique.

— Havia sempre novidades a ver, pois a tribu estava atravessando uma terra que lhe era desconhecida. No distrito salino êles acamparam perto de uma cidade em que todas as casas tinham o telhado chato, com beiral em volta virado para cima, do feitio de uma bandeja. Nesses telhados o povo deitava a agua que trazia das salinas da vizinhança. Evaporada a agua, eles ajuntavam o sal em depósito. Era um negocio lucrativo, pois nas terras do deserto o sal é tão precioso que se usa como dinheiro.

De uma feita, enquanto marchavam, caro custou aos pastores obrigar os animais a atravessarem um vale onde crescia a *tzao* inebriante, uma herva de um pálido tom verde-prata. Alguns camelos comeram dessa herva. E então começaram a cambalear, a babar e a emitir uns curiosos sons semelhantes a risadas. Que trabalho tiveram os pastores para conservar esses animais trôpegos em movimento! Porque se um dêles se deitasse na areia antes de passar a embriaguês da *tzao*, ficaria mergulhado em sono profundo do qual não se despertaria talvez por uma semana.

Mas a despeito da herva *tzao*, das marchas pesadas sobre a areia e das escassas pasta-

gens pelo caminho, a tribu do Sheik Beni-Nef intrépida avançava sempre para o sul. Por fim, depois de meia lua, ou quatorze dias de peregrinação, êles chegaram a um vale com agua potavel e vegetação luxuriante.

Era um vale lindo, sobre o qual pareciam pairar silencio e misterio, que não eram perturbados pela passagem de outras caravanas.

— Ninguem vive nesta região ? perguntou Diji ao pai.

— Atualmente não, respondeu o Sheik ; mas em tempos antigos havia neste vale grandes cidades muito populosas.

— Onde estão as cidades ? Quando vou vêl-as ? interrogou o curioso Diji.

— Pois tu vais encontrá-las ainda um dia; isto é, se tiveres os olhos bem abertos.

Foi tudo quanto o Sheik respondeu. Mas havia uma expressão divertida nos seus olhos.

Dia a dia Diji e os outros rapazes pastores, conduzindo o rebanho, ganhavam o coração do vale. Zem, o cabritinho preto, estava-se deliciando com a rica pastagem. Comia, comia, e estufava como um pequeno odre que se enche de agua. Ele e seu pequeno dono Diji estavam sempre na vanguarda da caravana.

Mas um dia, quasi diante dos olhos de Diji, o cabritinho preto, Zem, desapareceu como por encanto.

Com um grito de susto, Diji correu para o ponto onde Zem ainda um momento atrás pastava. Mas teve de se deter de repente. Chegara na beirada ingreme de uma cavidade profunda e escura. Espiou para baixo, mas nada pôde enxergar. Com muito cuidado, arriscou mais uns passos. Então deparou com outro buraco no solo. Era uma grande abertura de uns trinta e cinco metros de diâmetro.

Lá em baixo êle podia ver que portas em arcos tinham sido abertas nos muros dessa grande cova.

Pondo-se à escuta, Diji ouviu um fraco *be-e-é!* partido de algures nas profundezas. Era certo que se tratava do seu querido cabritinho Zem. *(continúa)*

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

TIRAS DE COCO TORRADO

Pão (de forma) branco
Leite condensado
Côco ralado (bem enxuto)

Descasque o pão e corte-o em fatias de dois centimetros de espessura.

Corte cada fatia em tres tiras compridas. Unte as tiras em todos os lados com leite condensado e cubra-as com o côco ralado, comprimindo-as um pouco para fazer o côco aderir bem. Leve-as para corar no forno diretamente sob as chamas. (Fogo lento).

DEDOS AÇUCARADOS

7/8 de chicara de manteiga
5 colheres (de sopa) de açucar
1 colher (de chá) de baunilha
2 chicaras de farinha
1 colher (de sopa) de agua
1 chicara de nozes ou amendoas picadas.

Misture bem a manteiga e o açucar. Acrescente a baunilha ; em seguida a farinha, gradualmente, batendo após cada adição. Adicione a agua e as nozes (ou amendoas). Enrole a massa em bolinhos oblongos, mais ou menos do tamanho de um dedo, ou pouco maiores. Leve para assar em forno moderado (por 15 ou 20 minutos). Antes de esfriarem, polvilhe os "dedinhos" com açucar. Esta receita dá para 3 duzias, mais ou menos.

apesar dos pesares

Da Obscuridade à Gloria

Alguns dias antes do Natal de 1823, nasceu um menino na aldeia francêsa de Saint Leons. Seus pais eram muito pobres, e o pequeno, que se chamava Jean Henri Fabre, mais tarde foi morar com seus avós, que cultivavam uma fazendola a alguns quilómetros de distancia. Viveu alí até os sete anos, fazendo amizade com bezerros, carneiros, gansos e galinhas, quasi os unicos companheiros.

Os avós não tinham recebido instrução. Jamais abriram um livro em sua vida, que passaram inteira na isolada casa da fazenda. Se pouco conheciam acerca do resto do mundo, ainda menos por ele se interessavam.

O avô era um homem de costumes rígidos, rosto severo e cabelos compridos, que costumava puxar para trás das orelhas com um gesto do polegar. Usava umas curiosas calças, afiveladas nos joelhos, e pesados sapatões de madeira, recheados de palha. O pequeno Henri amava a velha avó, que, embora não soubesse ler, contava-lhe muitas historias emocionantes.

Na hora das refeições, todos os membros da familia, grandes e pequenos, sentavam-se ao redor da mesa, que era feita de longas pranchas dispostas sobre dois bancos. Podia-se vêr, numa das pontas, um enorme pão de centeio, que só o avô tinha o direito de cortar. A avó se encarregava em geral de servir toucinho e nabos, que eram os principais alimentos. Em ocasiões especiais costumava haver abundância de queijo feito em casa. Ninguem tinha leito propriamente dito. Henri, como era o menor, dormia sobre um saco cheio de palha de aveia.

Máu grado a pobreza que o cercava, Henri não se sentia infeliz. Era criança demais para se preocupar com aparencias. A verdade é que usava roupas grosseiras e rôtas — geralmente, uma camisola de baeta que dava pelas suas perninhas nuas. Porém os pesares eram suplantados pelo grande amor que tinha aos animais da fazenda. Gostava das flores, mas ainda mais dos seres viventes que o rodeavam. Borboletas, gafanhotos, abelhas, aranhas, enfim, todo bichinho foi objeto de observação cuidadosa dele. Quando à noitinha a familia se reunia ao redor da mesa rústica para jantar, Henri falava do interesse que tinha por todas essas criaturinhas. Os outros riam-se dele. Longe estavam de imaginar que Henri ainda viria a conhecer esses insetos melhor que ninguem.

Quando completou sete anos, voltou à casa dos pais, em Saint Leons, para começar a estudar. A escola que frequentava era na propria casa do professor, composta de um único cômodo, que servia de escola, cozinha, quarto de dormir, sala de jantar, e, às vezes, de galinheiro ou chiqueiro. O professor mesmo não possuia muitos conhecimentos e parecia mais interessado nos seus porcos e galinhas que em outras coisas ; mas conseguia ensinar aos alunos as primeiras letras e materias elementares. A's vezes, no meio de uma aula, a porta se abria de par em par e uma duzia de leitõezinhos esfomeados irrompia, seguida de uma ninhada de pintinhos. Depois de expulsa a bicharada, o professor lutava com grande dificuldade para fazer voltar a atenção dos alunos para a lição. Era na verdade uma escola turbulenta. Todas as crianças gostavam da aula de aritmética, pois tinham então oportunidade de gritar. Em côro, recitavam a taboada, berrando de tal forma que os proprios porquinhos ficavam assustados e se precipitavam para fóra da sala. Por essa época sucedeu um fato que teve grande influencia sobre o pequeno Henri Fabre. Como premio de sua aplicação na escola, recebeu êle um livro sobre animais, com dezenas de gravuras. Na verdade era apenas uma edição barata, em brochura, mas tinha para Henri um valor inestimavel. Com que prazer examinava gravuras de raposas, lobos, cães, gatos, asnos, coelhos e muitos outros animais! Isso estimulou seu amor pelos seres viventes, de forma que, tendo certa vez o professor mandado que os alunos fossem matar insetos na sua horta, Henri guardou-os nos bolsos. Caracóes, escaravelhos, e até mesmo vespas, todos lhe pareciam interessantes demais para serem mortos sem compaixão.

Quando Henri tinha dez anos, seus páis mudaram-se de Saint Leons para a cidade de Rodez. Lá o menino frequentava uma escola onde tinha ensino gratuito em troca de certos

serviços que prestava na capela. Metido numa sotaina, com sobrepeliz e barrete vermelho, êle e mais outros tres meninos faziam o serviço na capela e recebiam instrução de carater bem mais adiantado do que até então. Em alguns dêsses estudos encontrava dificuldade e, se pudesse atender ao convite dos bosques, teria muitas vezes corrido para lá, pois o interessavam muito mais as criaturas viventes que o habitavam do que os áridos estudos na escola. Mas, ao lembrar os pobres pais em casa, ansiosos por vê-lo progredir, esforçava-se por vencer as tarefas mais difíceis, no que era sempre bem sucedido.

Porém a miseria visitou sua familia e Henri teve que deixar a escola. Por bastante tempo sofreu grandes aflições. Muitas vezes, sem se alimentar, vagava pelas estradas, vendendo limões nas feiras rurais, e por fim foi trabalhar na construção de uma estrada de ferro. Teve por esse tempo a felicidade de ganhar o premio de frequentar a Escola Normal de Avignon, assim terminando um periodo excessivamcnte tenebroso de sua vida.

Nos anos que passou em Avignon, com firme propósito prosseguiu os seus estudos, nos quais se distinguiu. De posse do diploma, foi indicado para ensinar numa escola de Carpentras, e após alguns anos de afincados trabalhos nomearam-no professor de física e química em Ajaccio.

Durante todos esses anos o interesse de Henri Fabre pelos insetos aumentara sempre. Pequeninas criaturas, que outros consideravam tão insignificantes ou nojentas, ele as estudava com amor. Certa vez um naturalista que se tinha interessado por Fabre estava dando explicações que eram para ele de grande valor. Em dado momento o professor, com o auxilio de uma tesoura, abriu a concha de um caracól e explicou-lhe a sua anatomia. Desde então o interesse de Henri por insectos tornou-se extraordinario. Em breve não se contentava em estudar a forma extrinseca dêles, mas dissecava e examinava cuidadosamente todos que pudesse encontrar. Muitas vezes, a altas horas da noite ou da madrugada, quando todos ainda dormiam, Henri saía para o campo inspeccionar os trilhos e poças, à procura de espécimens de insetos, que eram objeto de acurados estudos. Assim ia descobrindo seus habitos de vida.

Logo Henri Fabre ficou reconhecido cômo a mais alta autoridade sobre a vida de insetos. E não é de admirar, porque um bichinho, que não tinha significação para outra pessoa, era para ele motivo de grande interesse. Se estivesse andando com outro homem e aparecesse um inseto, ele o seguiria para estudar os seus movimentos e era indiferente ao que dele pudessem pensar as outras pessoas. Certa vez, quando em sua casa apareceu uma vespa rara, ele deixou o que estava fazendo e observou os movimentos do inseto horas seguidas, completamente alheio ao resto do mundo.

Embora conhecido e respeitado como um grande cientista, Henri Fabre era ainda pobre. Foi eleito membro da Legião de Honra, uma das maiores distinções que se concedia a um homem. Foi apresentado ao imperador da França, e bem logo o povo francês começou a se orgulhar dêle. A despeito de sua grande fama, era relativamente pobre, vivia simplesmente e não ansiava por honrarias. Sentia-se verdadeiramente feliz quando o deixavam a sós com os seus preciosos bichinhos.

Em 1879 Fabre retirou-se do colégio de Avignon para Serignan. Então, mais que nunca, teve tempo de seguir a sua inclinação e começou a publicar seus famosos livros sobre insetos. Um após outro iam sendo dados à publicidade e recebidos pelo mundo todo como obras de uma autoridade. Fabre escreveu : *A vida da Aranha, A vida da Mosca, A vida da Lagarta, A vida do Gafanhoto, A vida do Gorgulho* e muitos outros livros de cujo assunto poucas pessoas eram conhecedoras.

Seus metodos de pesquisas eram muito simples — uma lente de aumento, dois escalpêlos feitos de agulhas, por êle mesmo, um pires para a dissecação, caixas de fósforo e latas de sardinha, vazias, para os espécimens, umas telas de arame para os insetos que queria observar — era tudo de que necessitava, com o concurso de sua inexgotavel paciencia e amor pelas criaturinhas cujos habitos estudava.

Fabre viveu até noventa e dois anos de idade. Morreu em 1915, quando já se havia desencadeado a grande guerra. Antes da sua morte já todo o mundo tinha nele reconhecido um verdadeiro gênio. As mais célebres sociedades científicas da Inglaterra, Suecia, Bélgica, Russia e de outros países conferiram-lhe titulos de honra. Conquanto tivesse êle sido tão simples e modesto que pouco cuidava de fama, essas honras provam o alto conceito em que era tido.

De uma origem muito humilde, Henri Fabre tornou-se um dos maiores cientistas de todos os tempos.

DELIO *abre o* CAMINHO

O portão do grupo despejou na rua um bando de crianças bulhentas e felizes. O dia seguinte era feriado e a escola não se abriria.

Tres meninos do quarto ano alcançaram em disparada o parque próximo e sentaram-se ofegantes e suados no primeiro banco. O sol de Fevereiro dardejava forte.

— Arre ! exclamou Gustavo. As aulas hoje não tinham mais fim !

— Nem diga ! concordou Julio. Sexta-feira é mesmo um dia terrivel. Geografia e aritmética — uma logo atrás da outra !

Assobiando forte, Julio começou a balançar o banco com o corpo.

— Deixe disso ! protestou Inacio. Quero achar uma coisa na pasta.

Inacio empurrou Gustavo, que estava encostado nele.

— Ora ! prosseguiu Inacio, desapontado. Estava com esperança de ter perdido isto.

E ele retirou um boletim, que alisou nos joelhos.

— Quero ver, disse Julio, espiando sobre os ombros do colega. Quanto tirou em geografia ?

— Quanto *você* tirou ? perguntou Inacio, cobrindo o boletim com cinco dedos sujos. Mostre-me primeiro a sua nota.

— Está certo, está certo.

Julio ajoelhou-se por terra e esvaziou os bolsos — lapis, barbante, pedrinhas, pedaços de cera, um relogio que não andava, um estilingue, borracha, tudo isto foi retirado, e no meio um cartão azul, amassado. Metendo o mais nos bolsos, êle abriu o boletim diante dos olhos de Inacio.

— Olhe aqui, disse. Ganhei 8,8. Eu sou dos bons em geografia.

— Hum ! resmungou Inacio. Em historia você não pode comigo.

— Eu não gosto de estudar coisas que aconteceram no tempo em que se amarrava cachorro com linguiça, disse Julio. Quanto você tirou, Gustavo ?

Gustavo corou, olhando carrancudo para os sapatos *tennis* com que cavava o pedregulho do passeio.

— Eu... eu não alcancei média em nada, tartamudeou Gustavo. Estou com meio medo de mostrar o meu boletim a papai.

— Que espiga ! disse Julio com simpatia. Que vai fazer ?

— Não sei.

Gustavo abanou a cabeça, desanimado, e fez voar uma chuva de pedregulhos pelo passeio.

— Porque não diz que perdeu o boletim ou coisa que tal ? perguntou Inacio vivamente. E' isso que eu faço.

Gustavo olhou duvidoso para o colega.

— Mas isso seria mentir, não é ?

— Mentir o que, coió ! respondeu Inacio, impaciente. Você pode perdê-lo, se quiser...

— Mas eu estaria mentindo ao dizer que o perdi, insistiu Gustavo, com convicção. Não vejo nenhuma diferença.

— Pois bem, se você é tão cheio de nós pelas costas... murmurou Inacio, encolhendo os ombros e batendo o calcanhar no pé do banco.

Inacio não gostava que divergissem dêle. E agora tinha a sensação desagradavel de não ter falado o que devia.

— Pode ser que seu pai se esqueça de pedir o boletim, sugeriu Julio, esperançoso. E você o devolve sem êle ver.

O rosto de Gustavo iluminou-se.

— Eureka ! exclamou. E' boa idéia !

— E' uma idéia e tanto, replicou Inacio com ironia. Seu pai tem de assinar o nome, senão a professora percebe a coisa. E agora ?

— E' mesmo, concordou Gustavo, pesaroso. Isso tambem não serve.

Os tres meninos ficaram sentados em silencio. Julio mais uma vez passou os olhos satisfeitos pelas notas no seu boletim. Inacio tornou a encolher os ombros e pensou que era bem feito se Gustavo ficasse em maus lençóes. Gustavo, abatido, imaginava o que diria ao pai.

Foi com evidente alivio que viram um menino pequeno aproximar-se dali correndo. Ele parou abruptamente diante do trio desa-

nimado e fixou-os com seus solenes olhos verdes.

— Que estão fazendo aí? perguntou. Vão ficar atrasados para o almoço.

Inacio riu e virou-se para Gustavo.

— Porque não pergunta ao Delio o que deve fazer? disse com zombaria. Quem sabe *êle* tem uma idéia do seu gosto.

Gustavo examinou Delio, duvidoso, mas não havia escárneo no seu olhar perturbado. Delio tinha só seis anos. Que solução poderia dar ao caso, que desafiara a argucia de tres meninos grandes? Mas não custava experimentar.

— Acho que êle nem sabe o que é um boletim, resmungou Julio, lançando um olhar indignado para Inacio.

— Sei, sim! exclamou Delio com ousadia. Meu irmão grande recebe um cada mês.

Ele ficou firme, olhando para os tres e apertando ao peito um livro de gravuras.

— Seu irmão às vezes não fica com medo de levar o boletim em casa? perguntou Julio.

— Ih... uma vez ficou com um medão.

Julio segredou a Gustavo:

— Gurís decididos assim têm idéias. Pergunte-lhe o que o irmão fez.

— O que seu irmão fez? indagou Gustavo.

Delio pôs o livro em cima do banco e sentou-se ao lado.

— Não me lembro, respondeu o pequeno.

— Eu sabia que êle não me adiantava, disse Gustavo, mostrando-se muito desanimado.

Delio fitou-o curioso, com os seus belos olhos verdes.

— *Você* está com medo? perguntou.

Gustavo ficou perturbado. Uma onda de sangue afluiu-lhe ao rosto pálido.

Delio prosseguiu gravemente:

— Mamãe diz que quando a gente está com medo, é só pedir a Deus que Ele leva o medo embora.

Inacio riu de novo, bateu e acotovelou o braço de Julio. Aquilo estava ficando divertido.

— Isso dá sempre certo, Delio? Inacio perguntou, mofador.

— Dá, sim, respondeu Delio com inabalavel convicção. Eu fiz uma experiencia ôntem à noite, quando estava com medo do escuro.

— E' melhor você experimentar, Gustavo, aconselhou Inacio com afetada meiguice. Pode ser que dê certo para você.

E êle sacudiu-se todo com uma gargalhada, mas perdeu logo aquela espontaneidade ao reparar na dignidade do olhar de Delio.

— Você está ficando atrasado para o almoço, disse Gustavo com intenção.

Inacio fez cara de enfado e foi andando.

— Venha, Julio, êle convidou. Vamos para casa almoçar.

Julio ergueu-se devagar.

— Até amanhã, Gustavo, despediu-se êle secamente.

E Julio passou os braços pelos ombros de Inacio com afetação.

— Eu tambem já vou indo, disse Delio. Estou com fome.

Deixou-se escorregar do banco e pegou seu livro.

— Delio, começou Gustavo, lentamente, vendo que o pequeno ia partir. Delio, você — você quer-me contar como pediu aquilo?

Delio apertou mais contra o peito o livro grande, que estava sempre escorregando.

— Primeiro você tem de fechar os olhos, o pequeno ensinou. Quando a gente não pode ver, não fica com tanto medo. Depois diga: "Pai do céu, faze-me corajoso, por amor de Jesus. Amém."

Gustavo ficou uns instantes silencioso. Qualquer coisa da fé e convicção daquele pequeno tornava-o humilde e mudo. Por fim balbuciou:

— Obrigado, Delio. Vou experimentar isso e tenho certeza de que vale a pena.

Depois seguiu com a vista o menino até êle desaparecer na curva do passeio. Sòzinho no banco, Gustavo pegou no boletim e leu a

coluna de notas. Geografia, 5; Historia, 4; Aritmética, 5,5; e assim por diante.

Agora parecia-lhe que a oração de Delio não teria efeito. Mas não custava experimentar. Gustavo fechou bem os olhos, mas as notas do boletim ainda dansavam diante dêle. Talvez se ficasse assim bastante tempo os números desaparecessem. Porisso conservou-se naquela posição pacientemente. Afinal uma prece que era dele mesmo evolou-se de seus labios trêmulos :

— Pai do céu, balbuciou com ardor, prometo estudar o mais que puder todo o resto deste ano.

E Gustavo abriu os olhos. O medo tinha desaparecido de todo.

a pagina dos PAIS

A INFLUENCIA DO LAR

Uma das melhores e mais amplas definições de educação é ser ela o processo de aprender a renunciar aos prazeres triviais, temporários e imediatos, em atenção a satisfações maiores, vitais, permanentes, porém mais remotas. E' uma das lições mais difíceis, para cuja aprendizagem nós os adultos recebemos de fóra só pequena ajuda. E' verdade, por exemplo, que é dificil para uma criança não se encher de bombons (que no momento são tão gostosos) afim de ter uma digestão normal, horas mais tarde. Mas os meninos têm páis que deles cuidam, prontos para levar embora a tentadora caixa de bombons antes que sejam devorados em quantidade perigosa, afim de proteger a criança na sua falta de critério e zelar pela sua digestão até que esteja suficientemente educada para se defender. Contudo, não há ninguem que controle a nós, páis, quando, esquecidos das grandes satisfações permanentes que nos serão reservadas para o futuro, se soubermos conquistá-las, nos apegamos a prazeres imediatos, triviais, por condescendencia para conosco mesmos. Quem tem de reagir contra a preguiça mental e fisica tão deliciosa no momento, que é veneno infalivel para o futuro de nossos filhos e concomitantemente para o dos páis? Nós e só nós! A caixa de bombons de egoismo negligente conserva-se aberta, tentadora, e não há quem a arrebate de nós, ainda que na nossa voracidade nos engasguemos com os doces perigosos.

Ha algo de trágico no espetáculo de uma jovem mãe que ansiosamente zela por que a filhinha não seja apanhada pelos automóveis, sem ninguem para impedir que ela mesma seja levada de roldão pelos máus hábitos de displiscencia e melancolia. Por semelhante modo, um jovem pái trabalha árduamente ; quer ganhar dinheiro suficiente para que os filhos não fiquem na mediocridade intelectual que os cerca, ao passo que não há ninguem zelando por que êle mesmo não se embeba na leitura de romances e revistas vulgares. Surge um feriado convidativo, banhado de sol. E' a ocasião própria para um passeio no bosque com as crianças. Contudo nós os páis permitimo-nos dormir até tarde ; desanimados, rondamos a casa abrasante, de pijama e chinelos, a fumar e comer em demasia, e terminamos o dia impertinentes entre nós e com as crianças, por falta de ar fresco e exercicio. E não há quem nos advirta de que estamos vendendo o nosso direito de nascimento por um prato barato de lentilhas. Piór que isso, estamos anulando o direito de nossos filhos a crer que a vida do lar tem valor. Não, nós os páis precisamos aprender a fechar as caixas de bombons da nossa estrutura moral, se quisermos gozar mais tarde da doçura de satisfações inestimaveis. Os nossos erros, ninguem os corrige, nem mesmo quando êles ameaçam arruinar aquilo que mais prezamos.

Assim, como não devemos só planejar, mas levar avante nossa campanha como páis, temos de nos habituar a erguer a nossa vista com frequencia para o alvo em mira. E que alvo é esse? Qual será a mais completa e permanente satisfação a que os páis podem almejar? Quando um nené é colocado em nossos braços, sabemos que não podemos ficar

parados. Daquele momento em diante estaremos fazendo alguma coisa com êle. Andaremos à roda se não corrigirmos constantemente o nosso rumo com uma vista de olhos à nossa meta, que é naturalmente fazer com que cada criança, pela qual somos responsaveis, se torne um adulto com boas probalilidades de levar uma vida alegre, util e abundante.

Julgais banal discorrer sobre verdade tão evidente? Não o creio. Na minha opinião uma das dificuldades que temos como páis decorre de nos esquecermos desse axioma. Se com mais frequencia pensassemos em nossos filhos como adultos que virão a ser, seriamos de mais auxilio para êles e melhor os prepararíamos para a vida. Não precisamos ser filósofos para tentar ver cada dia detalhes da "Vida da Eternidade" de Spinoza; mas certamente que nos estaremos apropriando da vida em muito maior proporção e perspectiva se procurarmos ver os fatos de almoçar, jantar, tomar bonde, ir para a cama ou escola, brincar e trabalhar, adoecer e sarar como fazendo parte não só do presente, mas do futuro de cada criança.

Efetivamente, um menino aprende a ser engenheiro civil desde as primeiras lições de aritmética. Aprende o que seja um marido e pai com o despertar da conciencia do que se passa em torno de si, no lar. Uma menina aprende em casa, às vezes antes do despertar da memória conciente, grande parte do que terá de saber acerca do casamento e mutua condição dos páis. E isso porque, naturalmente, ela só vê os outros lares do lado de fóra, e tudo que vemos assim não nos convence.

Os homens e mulheres têm bem poucas oportunidades de descobrir alguma coisa que lhes revele a verdadeira natureza de vida que se leva em outros lares. Muitos de nós temos de generalizar a idéia só com duas experiencias — a nossa e a de nossos páis. Significa isto que os páis na vida domestica que estabelecem para os filhos estão contribuindo justamente com a metade do material subjacente sobre o qual estes irão basear sua opinião sobre o casamento, quando atingirem a idade própria.

Só alguem que emergisse de uma vida de total solidão, em ilha deserta, poderia "estudar" os principios básicos do casamento com espirito livre, como se fosse outro qualquer assunto. Qualquer outro jovem pondera sobre o lar com todas as fibras de sua personalidade já coloridas por idéias, emoções e impressões boas e más, acertadas e erroneas.

E onde recebe êle essas idéias, emoções e impressões? Na experiencia de sua infancia no lar, muitas das quais a mente conciente esqueceu; no tom de voz (bem-humorado ou impertinente) com que seu pai falou com a mãe num dia chuvoso, há quinze anos; na expressão (feliz, de solicitude amorosa, ou de severidade, de desânimo) que viu estampada no rosto da mãe uma noite quando, meio acordado, observou-a abrindo ou fechando as janelas; no modo como se lhe apresentava o lar (refugio seguro ou prisão temivel) quando a êle se acolheu depois de na escola ter sido acusado injustamente de trapaça; na atmosfera (alegre ou desagradavel) na qual sua mãe recebia o pai de volta do trabalho; na especie de atenção (importuna e indesejavel, ou a propósito e benéfica) que lhe foi dispensada em criança quando, assustado ao primeiro encontro com o mal no mundo, tentou, com frases inadequadas, pedir auxilio quanto ao modo de enfrentá-lo.

Não; quer nos alegre ou acabrunhe, o fato é que praticamente todo o treino de felicidade para o futuro lar, nossos filhos recebem dos páis durante a infancia.

Sobretudo, sua atitude fundamental, crença ou cepticismo para com o casamento e o lar é geralmente assumida muito antes de êles atingirem a idade de ter interesse pessoal em amor ou em crianças. E isto é vital. Não importa quão bem informados possais estar sobre os dados materiais de um empreendimento: estareis levando tremenda desvantagem se de coração não crerdes que podeis fazê-lo com sucesso. Isto é claro como o dia. Não parece tão obvio que a menina que come o pirão de batatas enquanto o pai e a mãe discutem na mesa um córte de ordenado (ou aumento) está criando fé ou cepticismo na instituição do matrimonio. O ordenado cortado ou aumentado não lhe diz respeito, mas o modo como a mãe considera o caso e o pai respeita-lhe a opinião vai colorir indelevelmente sua atitude para com a vida doméstica.

Não me mal-interpreteis. Não quero em absoluto dizer que, se seus páis desejam que ela cresça com fé no casamento e vida do lar, devem conversar em tom afetado de alta filosofia ou assumir atitude artificial de presumido desinteresse para com assunto tão palpitante como seja o córte ou aumento de

um ordenado. Meu intento é salientar que tem pouca importancia o que porventura qualquer de vós *falar* em tal circunstancia. Provavelmente vossa filhinha não ouvirá ou compreenderá vossas palavras. Ela estara muito mais absorvida no que o pai e a mãe são, um para o outro. Surge a questão para a qual ela deve encontrar resposta satisfatória: este homem e esta mulher com quem eu vivo tão intimamente que não me escapa o significado de suas relações, encaram certos sucessos — a prosperidade, adversidade ou monotonia — *melhor porque então juntos de que se estivessem sòzinhos?* Da resposta a essa questão, coligida aos poucos no material domestico, depende em muito a probabilidade de vossa filhinha ser feliz.

Quando ela estiver noiva, tarde será para fornecer-des o véu de casamento. Este já foi tecido durante toda a sua infancia e adolescencia. Quando caminha pela nave da igreja ao encontro do noivo, estará coberta da cabeça aos pés pelo véu invisivel da atitude que assumiu para com o casamento e vida domestica — branco de esperança e fé, ou negro de cínica desconfiança, maculado pela vulgaridade e por considerações de ordem prática — véu que ela teceu o melhor que pôde com as observações, feitas por si mesma, do casal que mais intimamente conheceu.

E aquele vosso jovem filho que, com traje de rigor, barbeado esmeradamente, pálido de comoção, espera nervoso que a procissão nupcial vá pausadamente ao seu encontro — pensais porventura que por ser êle moço, inexperiente e por casar-se pela primeira vez, iniciará a vida do lar com o espirito desprevenido e uma folha limpa para escrever? De forma nenhuma. Ela está cheia da vossa escrita, feita durante anos, com tinta invisivel, no seu subconciente. Desde o dia do casamento, nesta ou naquela emergencia, os comentários invisiveis, escritos há anos pelos páis, tornar-se-ão legiveis, sugerindo um conselho de devoção ou egoismo, uma exortação à generosidade ou mesquinhês, uma visão larga ou estreita.

Enquanto vos estais contendo de gritra com o vosso filho, num acesso de justificada exasperação, por ter êle de novo atirado sobre o sofá de gobeline a capa molhada, podeis pensar ser simples advertencia o vosso: "Ora, Lúlú, venha guardar as coisas no lugar proprio, sim? Você sabe que a humidade estraga a gobeline". Na verdade é só isso que estais dizendo *hoje*. Mas daqui a anos essa mesma voz soará aos vossos ouvidos quando, em idênticas circunstancias, vosso netinho sofrer a exasperação do pai. Talvez então que vosso filho vos ouvirá dizer: "Calma, calma! A coisa não é para tanto barulho. E' preciso paciencia para educar meninos. Um grito desafoga-te agora, sem dúvida, mas pode quebrar algo de precioso que é dificil concertar".

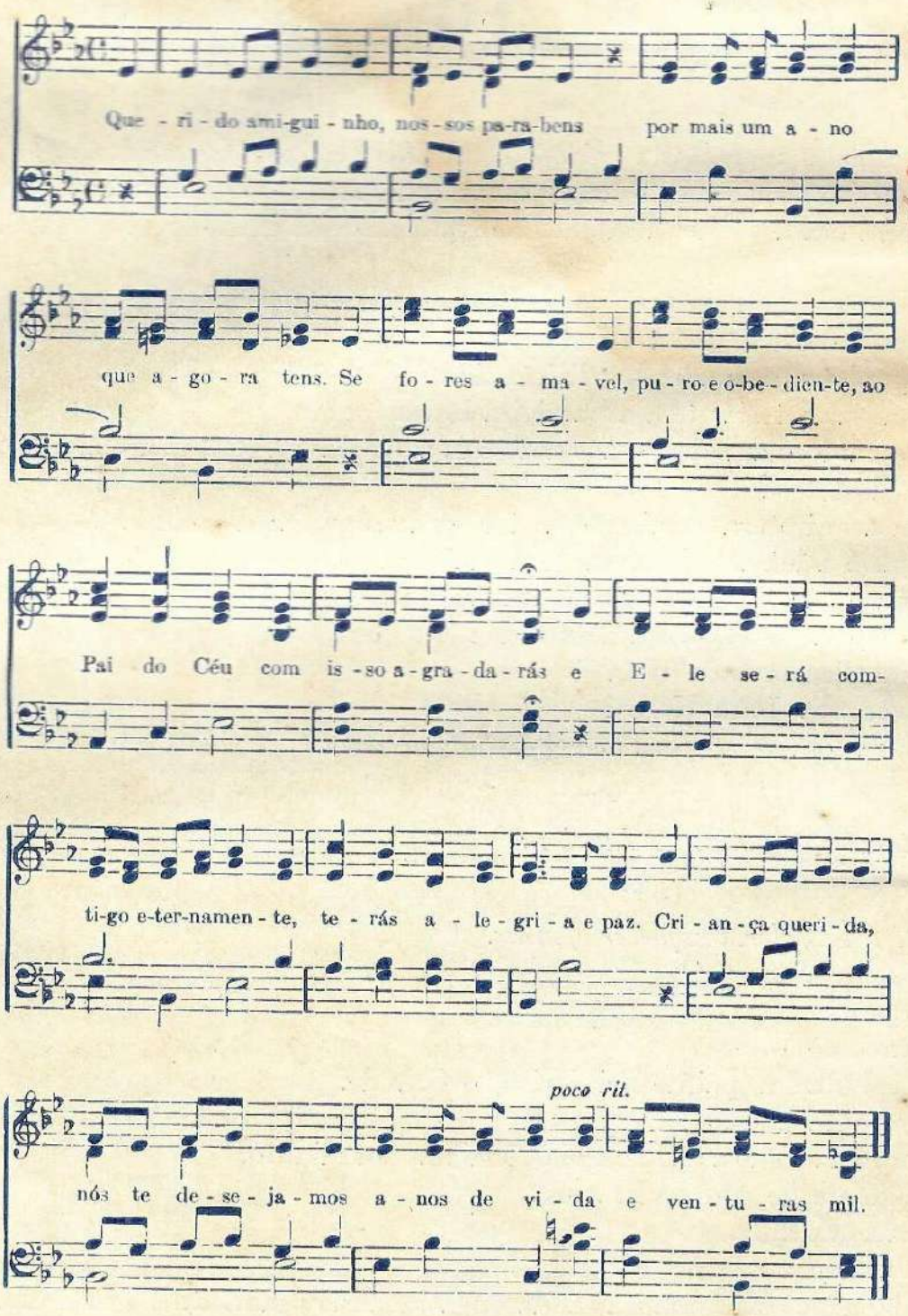
Os doutos psicólogos, psicoanalistas, pediatras, só podem auxiliar os estudantes a pôr em ação o cérebro, e este tem tão pouco a ver com a nossa atitude para com a vida! Esses psicólogos são semelhantes a habeis podadores que se postassem diante de uma arvore e dessem bons conselhos sobre o modo de podá-la. Eles chegaram tarde demais para ter alguma influencia sobre a propria formação da arvore. Tão complexa é a nossa herança humana que os nossos filhos recebem qualidades — sementes das quais desabrocharão as suas personalidades — não tanto dos páis como da raça humana que, em última análise, é sua ascendencia. E isso está fóra de nosso controle. Mas as sementes, que são plantadas no lar, nós lh'as fornecemos — ricas, fortes, cheias de elementos nutritivos, bem regada de amor e fé na vida, ou pobres, frias e secas, de tal forma que as raizes da personalidade, ressequidas, crestadas e ingurgitadas, só podem lançar vergônteas fracas.

O que mais desejamos, naturalmente, é que a vida de nossos filhos possa desabrochar-se gradualmente na fertilidade florescente de uma vida domestica feliz. Compete aos páis, sejam êles por demais filósofos ou afligidos pelos atritos e perplexidades da luta quotidiana, não perder de vista que a florescencia e a colheita de ricos frutos dependem em grande escala do solo em que os nossos pequeninos estão *hoje* mergulhando as raizes do seu coração — a saber, o nosso lar.

quem é que sabe?...

1) Completar : *Educa a criança no caminho em que deve andar...* ?
2) Qual é o grande porto de exportação de petroleo no mar Negro ?
3) Quem era a primeira mulher mortal, conforme a mitologia grega ? Criada por quem ?
4) Quanto tempo ficou o Japão fechado aos europeus ?
5) Que é o *Decálogo?*
6) Completar a quadrinha *Trinta dias tem Setembro...* ?
7) Quantas estrelas tem a bandeira brasileira ?
8) Que famoso americano aos dezesseis anos era um engenheiro civil e explorador de desertos ?
9) Em arquitetura, quais são as tres ordens gregas de colunas ?
10) Qual é a letra que se emprega mais em português ?
11) Mencionar tres dos vulcões italianos famosos ?
12) Que joia se encontra dentro de moluscos ?
13) Onde fica o osso "tibia" ?
14) Quem era John Knox ?
15) Quem compôs a opera *Lucia de Lammermoor* ?

Respostas ás perguntas de Janeiro :

1) *E é a sua gloria esquecer ofensas.*
2) *Abre-te, Sesamo !*
3) Theseus.
4) Marco Polo.
5) Rei Wilhelm, pai de Friederich, o Grande.
6) Quarenta anos.
7) A mesma como a da luz, 186.000 milhas por minuto.
8) Prudente de Moraes Barros.
9) Grace Darling.
10) O tambor.
11) O homem. Em criança, anda engatinhando ; mais tarde, com duas pernas ; e quando velho, com auxilio de um bordão.
12) Caim.
13) Não, é um mamífero e não pode respirar em baixo da agua.
14) Da Asia.
15) A de Cairo, no Egito.

Saudação a Aniversariante